

A referenciação catafórica em artigos de opinião

Flávia de Sena Neri
Eliane Cristina Araújo Vieira*
Universidade Federal do Ceará

Resumo:

Analisamos, em artigos de opinião, o processo de aposição em que uma expressão nominal faz uma referenciação catafórica em relação ao conteúdo expresso nos segmentos que a ela se seguem, focalizando-os e fornecendo uma orientação argumentativa para que eles sejam interpretados.

No presente artigo, tratamos do emprego de construções apositivas como uma estratégia textual-discursiva, limitando-nos à análise dessas construções em referenciações catafóricas. Os resultados que aqui serão apresentados fazem parte de uma pesquisa mais ampla intitulada “Construções apositivas e estratégias de formulação textual na fala e na escrita” desenvolvida na Universidade Federal do Ceará, sob a coordenação da Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.

1. Aposição e referenciação

Segundo Nogueira (1999), a aposição não-restritiva apresenta, simultaneamente, diferentes funções nos planos textual, cognitivo e argumentativo-attitudinal. Observamos que esses planos se interseccionam, quando as construções apositivas são analisadas em situações reais de uso. Portanto, pode-se falar no caráter multifuncional dessas construções.

O conceito de referenciação adotado nessa pesquisa apóia-se na proposta teórica de Mondada e Dubois (1995:276), que se opõem à definição clássica do termo “referência”, relacionando-a a uma concepção “coisista”, em que se supõe uma correspondência direta entre as palavras e as coisas, como se fosse um processo de “etiquetagem”. Para Mondada e Dubois (1995:276), “referenciação” designa a “construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, nas ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.” Além disso, Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995:227-229) ressaltam que os referentes devem ser concebidos como objetos de discurso, que não pré-existem “naturalmente” à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas são produtos-fundamentalmente culturais- dessa atividade. Segundo Nogueira (1999), dentro dessa concepção construtivista e estratégica da referenciação lingüística, a aposição deve

* Graduandas do curso de Letras da UFC que participam do projeto “Construções apositivas e estratégias de formulação textual na fala e na escrita”, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira, respectivamente, como bolsista PIBIC-CNPq e colaboradora.

ser vista como expediente utilizado pelo autor/falante para o estabelecimento e a manutenção dos objetos de discurso, segundo diferentes propósitos comunicativos. Percebemos, então, que a aposição mostra-se como importante mecanismo de apresentar e reapresentar um objeto de discurso, segundo diferentes perspectivas.

O processo de referenciação que envolve duas unidades de uma construção apositiva pode ocorrer mediante uma referenciação catafórica, na qual a primeira unidade funciona como expediente de focalização e fornece uma orientação argumentativa para a informação contida na segunda unidade. De acordo com Nogueira (1999), nesse envolvimento entre os elementos apositivos, a expressão inicial funciona como um expediente de focalização para a informação contida no segmento seguinte, além de indicar-lhe uma possibilidade de interpretação.

Essa primeira unidade da estrutura apositiva introduz um ambiente de expectativa e direciona a tensão para o conteúdo da segunda unidade, tal como no exemplo a seguir:

(01) O Peru encontra *um caminho para a informática acessível e sem apoio dos dinheiros públicos: as celebradas cabines públicas*. (Veja.n. 10,mar. 2001.ano 34. p.22)

No exemplo (01), o sintagma nominal empregado na primeira unidade da construção apositiva apresenta um determinante não-específico, introduzindo um referente discursivo que só será especificado na segunda unidade. Observamos, ainda, que toda a expressão nominal tem um caráter avaliativo, já que qualifica, antecipadamente, *as cabines públicas* como *um caminho para a informática acessível e sem apoio dos dinheiros públicos*.

Nogueira (1999) caracteriza esse modo de organização da informação como semelhante ao que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995:248) descrevem como um tipo particular de recategorização lexical explícita em que o objeto do discurso é, inicialmente, indicado de forma vaga, para, posteriormente, ser designado por uma expressão referencial mais específica.

2. Análise das construções apositivas

2.1. Metodologia

2.1.1. *Corpus*: o artigo de opinião

O artigo de opinião está associado ao discurso jornalístico. Tal como o editorial, esse gênero pertence ao jornalismo opinativo. Ambos são espaços para a manifestação e defesa de pontos de vistas. O artigo de opinião é um espaço, em geral, restrito a pessoas de renome e de prestígio social. Nesse tipo de editorial pessoal (Biber:1988), o articulista expõe diferentes pontos de vistas sobre um determinado fato, em geral polêmico, e argumenta em favor do seu ponto de vista pessoal.

O *corpus* de análise que utilizamos constituiu-se das seguintes amostras textuais pertencentes ao gênero artigo de opinião, retiradas de revistas de circulação nacional (Veja e Superinteressante).

2.1.2. Procedimentos

Para analisar as construções apositivas adotamos os seguintes procedimentos:

a) leitura dos textos; b) identificação das ocorrências de construções apositivas com referenciação catafórica.; c) análise das ocorrências, considerando os aspectos textuais e discursivos.

2.2. Resultados. Análise de algumas ocorrências

As ocorrências a seguir, todas identificadas no *corpus*, ilustram o emprego de construções apositivas como estratégia de referenciação catafórica:

(02) Nadando contra a corrente das idéias predominantes na medicina tradicional, quero erguer minha voz contra *o que considero uma imposição impiedosa e indefensável no mundo moderno: as vacinas*. (Superinteressante. n. 10, out. 2000, ano 14. p. 114)

(03) Ainda no terreno das manifestações populares, o ibope de alguns carnavalescos (como Joãozinho Trinta) é bastante sintomático: eles são os encenadores *da mais assistida de todas as nossas óperas, o Carnaval*. (Superinteressante. n. 11, nov. 2000, ano 14. p. 106)

(04) A primeira explicação para a comoção é o martírio. Com isso, deu-se o clique *no elemento que faltou quase sempre, na relação entre Covas e o público: a emoção*. (Veja. n. 10, mar. 2001, ano 34. p. 158)

(05) É verdade que os castigos imoderados e cruéis estão proibidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente(ECA), promulgado em1999. Mas como definir claramente o que é castigo imoderado? Há vários casos de crianças que morreram depois de ter sido castigadas "cruelmente". Embora um tapa e um espancamento sejam diferentes, *o princípio que rege os dois tipos de atitude é exatamente o mesmo: utilização da força e do poder*. (Superinteressante. N. 2, fev. 2001, ano 15.p.90)

No exemplo (02), a expressão nominal que constitui a primeira unidade é construída pelo pronome demonstrativo *o* seguido de uma oração relativa com forte valor argumentativo-attitudinal, principalmente, por esta oração ter como núcleo um verbo de modalidade epistêmica (*o que considero...*). Essa ocorrência inicia o artigo de opinião intitulado *Vacina Assassina*. Com esse modo estratégico de organizar a informação, o autor explicita qual o tema tratado em seu artigo (*as vacinas*) e qual a sua atitude em relação a ele.

No exemplo (03), observamos o modo interessante como o objeto de discurso é construído mediante transformações categoriais. De início, ele foi designado, indiretamente, como *manifestação popular*, o que está de acordo com o nosso contexto sócio-cultural. Em seguida, ele é designado como *a mais assistida de todas as nossas óperas*, em que notamos uma recategorização: *o Carnaval* é, então, identificado pelo aspecto técnico de uma composição dramática, embora, guarde, da designação anterior, o seu caráter popular, expresso pela predicação contida no superlativo (*a mais assistida...*). O uso do superlativo também ajuda a focalizar a expressão referencial mais específica (*o Carnaval*), além de manifestar um forte valor argumentativo-attitudinal.

No exemplo (04), a segunda unidade (*a emoção*) é focalizada por um nome genérico seguido de uma predicação (oração adjetiva) que expressa a opinião do autor sobre o referente que está sendo construído. Notamos que essa predicação, embora ainda não especifique a identidade do referente discursivo, faz um aporte de informações que constitui a própria construção desse referente sob a perspectiva do autor.

No exemplo (05), o nome *princípio*, antecedido por um artigo definido e seguido de um oração adjetiva, focaliza o conteúdo da segunda unidade, designando-o como um princípio, isto é, como uma norma aceita socialmente.

Nas construções apositivas com referenciação catafórica, é freqüente o uso de nominalizações. Esse processo consiste no emprego de uma expressão que antecipa ou resume o conteúdo proposicional de um segmento discursivo, com o objetivo de categorizá-lo segundo as intenções do autor/falante. As nominalizações, nesse sentido, dizem respeito a um fenômeno textual-discursivo, que envolve as estratégias de rotulação descritas por Francis (1994).

O emprego de nomes genéricos, tais como *fato, coisa, elemento, aspecto, etc*, é bastante comum em referencicações catafóricas. Por apenas introduzirem, genericamente, um referente discursivo, esses nomes induzem a busca por uma especificação no contexto que a ele se segue.

Rótulos resumem porções de discurso, por vezes difusas, realizando um encapsulamento (Conte, 1996). Em algumas construções apositivas que aqui analisamos, todo o conteúdo da segunda unidade pode ser encapsulado por um nome apresentado na primeira unidade, o que permite, por exemplo, que esse conteúdo, uma vez instituído como objeto de discurso, seja alvo de predicações que aumentam o caráter avaliativo de toda a expressão nominal, tal como em (06):

(06) E os índios voltariam a ter uma vida nômade. Se enjoassem de zanzar pela floresta, poderiam estender o nomadismo a Paris, ou Nova York, ou São Paulo, para comprar na Daslu. O importante, para mim, é *uma coisa só: se é para perder dinheiro na roleta, não quero que ele acabe no bolso daquele outro pessoal*. (Veja. n. 10, mar. 2001, ano 34. p. 1)

A rotulação pode ocorrer por meio de nomes ilocucionários, ou seja, nomes relacionados a atos de fala, tal como em (07):

(07) Aos defensores das vacinas deixo aqui *um desafio: continuem se expondo a dezenas dessas porções e mantenham-se saudáveis- se puderem*. (Superinteressante. n. 10, out. 2000, ano 14. p. 114)

No exemplo (07), o articulista utiliza a expressão nominal *um desafio* para focalizar e designar o conteúdo da segunda unidade como um ato de fala, além de expressar, fortemente, sua opinião e atitude. Essa ocorrência constitui o último parágrafo do texto em que o autor defende a sua posição contrária às vacinas (*Vacina Assassina*). No exemplo (08), observamos, mais uma vez, o fenômeno da nominalização. Nesse caso, o nome *bobagem* serve de núcleo do rótulo para o conteúdo da proposição *a internet democratiza o conhecimento*:

(08) Surge daí *outra grande bobagem que se tem divulgado não só por fibra ótica, mas também por meio do velho e sujo papel de imprensa: a Internet democratiza o conhecimento*. (Superinteressante. n. 8, ago. 2000, ano 14. p. 121)

Esse núcleo da expressão referencial (*bobagem*) constitui um rótulo fortemente avaliativo (disfórico) para o conteúdo da proposição que se segue. Nessa expressão referencial, a oração relativa predica novas informações a respeito desse conteúdo encapsulado.

Em alguns casos, encontramos ocorrências de (re)categorização lexical em que um objeto de discurso já instituído é designado de um novo modo, acrescentado-se a ele novas informações (ver Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995), tal como em (09):

(09) Estou pronto para a guerra contra o Canadá. Na mesma trincheira que nossos patrióticos donos de restaurantes, que jogaram uísque V.O. pelo ralo da pia. Na mesma trincheira que nossos radialistas, que boicotam as músicas de Celine Dion. *Só este motivo já valeria uma guerra contra o Canadá: Celine Dion*. (Veja. n. 7, fev. 2001, ano 2001, ano 34. p. 145)

No exemplo (09), o pronome demonstrativo *este* parece-nos, a primeira vista, retrospectivo. Se analisarmos a expressão *este motivo...* como uma remissão para o contexto anterior, poderíamos interpretá-la como um rótulo que corresponderia, em uma construção cognitiva, a um substantivo de ação-processo (*o boicote das músicas de Celine Dion*). Por outro lado, essa interpretação é logo descartada, quando notamos que a expressão *este motivo...* é especificada na segunda unidade da construção, após os dois-pontos. Nesse jogo discursivo, observamos que a construção apositiva empreende (re)categorizações interessantes, principalmente, em relação às seguintes designações referenciais do objeto do discurso: o nome *motivo* (-anim, +abst) e o nome próprio *Celine Dion* (+anim, +hum).

3. Considerações finais

Apresentamos, neste artigo, uma breve análise das construções apositivas com referenciação catafórica em artigos de opinião. Essa análise restringiu-se às funções textual-discursivas dessas construções, que se relacionam com as estratégias de rotulação descritas por Francis (1994).

Notamos, com esse estudo, que a primeira unidade desse tipo de estrutura apositiva, em geral, pode constituir-se de um rótulo encapsulador do conteúdo proposicional contido em um segmento discursivo posterior que se institui como objeto do discurso. A expressão referencial selecionada apresenta, frequentemente, predicacões que, além de acumular informações sobre o objeto do discurso que está sendo construído, marcam a posição ou atitude do autor em relação a ele.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D. e REICHLER-BÉGUELIN, M. (1995). Construction de la référence et stratégies de désignation. *TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique)*, n. 23,

p. 227-271, 1995.

BIBER, Douglas (1988). *Variation across speech e writing*. Cambridge, Cambridge University Press.

CONTE, Maria-Elisabeth (1996). Anaphoric Encapsulation. *Journal of Linguistics*. 10: 1-10.

FRANCIS, G (1994). Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: Coulthard, M. (org.). *Advances in written text analysis*. Londres, Routledge, pp. 83-101.

MONDADA, L e DUBOIS, D. (1995). Construction des objets de discours et catégorization: une approche des processus de référenciation. *TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique)*, n. 23, p. 273-302.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira (1999). *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil*. Araraquara-SP, 240p. Tese de Doutorado. UNESP-Araraquara-SP.